

JACK FAIRWEATHER

VENCEDOR DO PRÉMIO COSTA • AUTOR DE O VOLUNTÁRIO

CAÇADOR DE NAZIS

«Narrado de
forma brilhante.»

Philippe Sands, autor de
Estrada Leste-Oeste

**A HISTÓRIA DE FRITZ BAUER,
O HOMEM QUE LUTOU PARA
LEVAR OS NAZIS À JUSTIÇA**

«Um livro
imperdível.»

Giles Milton, autor de
Xeque-Mate em Berlim



Para o Grande Jack e para Betty, e para a Hedi

A maldição da agonia
continuava no olhar:
tinha o meu preso no deles,
sem o conseguir soltar.

«A Balada do Velho Marinheiro»,
SAMUEL TAYLOR COLERIDGE¹,
(trad. Alberto Pimenta)

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	13
<i>Nota sobre o Texto</i>	15
 <i>Prólogo</i>	 17

PARTE I

1. Casa	23
2. Evasão	48
3. Missão	67
4. Sobreviventes	76
5. Nuremberga	97
6. Território Inimigo	109

PARTE II

7. Restauração	121
8. Resistência	137
9. Linha da Frente	152
10. Passo em Frente	160
11. Rebeldes	176

PARTE III

12. Sylvia.....	187
13. Testemunhas	197
14. Captura	202
15. Consequências	213
16. <i>Pathétique</i>	220
17. Os Rapazes de Bauer	227
18. O Decreto do Biquíni	234
19. Jerusalém	238

PARTE IV

20. Acusação	253
21. Ajuste de Contas	273
22. Julgamento	283
23. Fuga	306
24. Auschwitz	313
25. Veredicto	329
26. Protestos	335
<i>Epílogo</i>	347
<i>Agradecimentos</i>	353
<i>Personagens</i>	359
<i>Notas</i>	367
<i>Fontes</i>	483
<i>Índice de Nomes</i>	545

INTRODUÇÃO

Imagine-se uma história do século xx em que o Holocausto fosse apenas uma nota de rodapé da Segunda Guerra Mundial. Em que a entrada de enciclopédia sobre Auschwitz descrevesse a próspera indústria química na cidade vizinha, mas omitisse as câmaras de gás. Em que os manuais escolares descrevessem Hitler como «dotado de múltiplos talentos» e limitassem a discussão sobre o assassinio em massa orquestrado por ele a apenas quarenta e sete palavras, concluindo que «não mais de uma centena de pessoas teriam [dele] conhecimento». Não se trata de uma experiência mental abstrata. Trata-se da Alemanha Ocidental nos anos que se seguiram à derrota de Hitler, quando o Holocausto fora praticamente esquecido e os Aliados autorizaram o regresso de milhões de ex-nazis para forjar um novo país que servisse de bastião contra o comunismo. Era tempo, nas palavras do chanceler da Alemanha Ocidental Konrad Adenauer, em 1949, de «deixar o passado para trás».¹

Este livro é a história de Fritz Bauer, o notável procurador-geral judeu que, com um pequeno grupo de ativistas, advogados e sobreviventes, decidiu que a Alemanha e o mundo não deveriam esquecer. É também a história da luta de Bauer contra o Estado alemão ocidental que tentou travá-lo, representado pelo seu chefe da espionagem, Reinhard Gehlen, e pelo braço-direito do chanceler, Hans Globke, ambos com as suas próprias razões para encobrir o passado. Acima de tudo, esta é a história de como o povo alemão foi forçado a enfrentar a sua cumplicidade no assassinio em massa industrializado dos judeus da Europa, e de como o Holocausto acabou por definir o nosso sentido coletivo de humanidade.

NOTA SOBRE O TEXTO

Esta é uma obra de não-ficção.

Ao reconstruir a vida de Fritz Bauer, tive o privilégio de entrevistar muitas pessoas que o conheceram e de ter acesso a documentos familiares e correspondência inéditos. Estas fontes, juntamente com os milhares de páginas de entrevistas, discursos e textos jornalísticos e jurídicos deixados por Bauer, são a base das minhas descrições dos seus pensamentos e de muitas das suas experiências. As cenas a que Bauer teria, certamente, assistido foram recriadas a partir de testemunhos, memórias e jornais. Recorri, além disso, a mais de quinhentas fontes oriundas de quarenta e nove arquivos na Alemanha, Áustria, Dinamarca, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Israel, Itália, Polónia, República Checa, Rússia e Suécia.

As fontes surgem nas notas finais pela ordem em que aparecem em cada parágrafo. Não forneci fontes para informações que estão disponíveis publicamente. As fontes arquivísticas são citadas integralmente nas notas finais; livros, artigos e outras fontes secundárias aparecem na bibliografia, juntamente com *links* para fontes *online*. As citações foram editadas quanto à grafia e pontuação, mas permanecem inalteradas no restante. Evitei recorrer a siglas, a não ser que já estejam convencionadas, como, por exemplo, SS para Schutzstaffel. Também uso SS como termo abrangente que inclui o Sicherheitsdienst (SD). Alemanha Ocidental e República Federal são usados indistintamente. Para os nomes de localidades, mantive o uso nacional, exceto quando existem versões transliteradas comuns. Utilizo o nome Oświęcim para a cidade e Auschwitz para o campo, mas refiro-me a outros campos da morte nazis na Polónia pelos seus nomes polacos comuns. Também usei as letras nacionais na maior parte dos casos, uma exceção sendo o *Eszett* (ß) alemão, que substituí por «ss».

Todas as traduções foram realizadas pelos meus brilhantes investigadores: Ingrid Pufahl, Harriet Phillips, Anna Schattschneider, Florine Miez, Sine Maria Vinther, Morten Baarvig Thomsen, Christian Kjellsson, Jonathan Cahana-Blum e Katarzyna Chizyńska, salvo indicação em contrário.

PRÓLOGO

Alemanha Ocupada

Verão de 1948

Fritz Bauer olhou de relance pela carruagem lotada quando o comboio chegou à fronteira alemã com a Dinamarca, perto de Flensburg. A dolorosa dissonância de regressar a casa sendo alemão e judeu — como se ainda fosse possível ser ambas as coisas — oprimia-o enquanto mostrava os seus documentos a um guarda britânico. Tinha 45 anos, um homem baixo num fato sob medida, o seu rosto prematuramente enrugado e atormentado. Fora em tempos o mais jovem juiz distrital na Alemanha, reconhecido como uma voz em ascensão na defesa da República de Weimar, que reivindicava uma das Constituições mais liberais da Europa. Os nazis haviam destruído essa visão quando tomaram o controlo e recrutaram o país para o homicídio maciço industrializado do seu povo. Do cerca de meio milhão de judeus que viviam na Alemanha em 1933, um terço fora assassinado e a maioria dos restantes havia fugido. Bauer compreendia por que razão muitos, incluindo os sobreviventes da sua família, haviam escolhido não regressar nem reconstruir as suas vidas despedaçadas. Com efeito, o Congresso Judaico Mundial declarara, poucas semanas antes, em junho de 1948, que era «determinação do povo judaico nunca mais se estabelecer no solo ensanguentado da Alemanha».¹

Ao olhar para os passageiros ao seu redor, Bauer perguntou-se quantos deles se teriam juntado às multidões entusiasmadas que recebiam a comitiva de Hitler. Quais deles teriam matado, ou visto outros a matar? Para Bauer, eram questões prementes, e não apenas devido ao perigo que enfrentava ao regressar a um país onde muitos ainda lhe poderiam desejar mal.² Eram perguntas que ele tinha de fazer porque procurava justiça.

A raiva que o impelira para aquele comboio vinha do facto de saber que os alemães, os Aliados — o mundo — pareciam pensar que a justiça já tinha sido feita. Os Aliados tinham deixado claro no Tribunal Militar Internacional de Nuremberga, em 1945, que os crimes dos nazis tinham sido cometidos por Hitler e pelo seu círculo mais próximo. Vinte e dois líderes nazis foram condenados no ano seguinte, e vários milhares de outros altos funcionários em julgamentos e tribunais militares subsequentes. Era verdade que os Aliados tinham tentado fazer um escrutínio mais alargado da sociedade alemã, através de comissões especiais de desnazificação destinadas a impedir que indivíduos incriminados obtivessem trabalho. Mas esse esforço tinha-se praticamente esgotado em 1948, à medida que a atenção se desviava para a Guerra Fria.³

Bauer ficou chocado com a quantidade de perpetradores que ficaram em liberdade. Entre eles estavam Adolf Eichmann, o homem que organizara o transporte dos judeus da Europa para os campos de extermínio; Josef Mengele, o médico das SS que realizara seleções para as câmaras de gás na rampa de Auschwitz; e Hans Globke, o burocrata que ajudara a criar a estrutura legal do que viria a ser conhecido como Holocausto. Mas não eram apenas os arquitetos e implementadores do genocídio que continuavam à solta. Hitler recrutara o povo alemão num esforço nacional para perseguir, saquear e, por fim, assassinar todos os judeus da Europa. Oito milhões e meio de alemães tinham-se inscrito no Partido Nazi. Mais de 250 mil tinham cumprido serviço nas SS, que geriam os campos de extermínio de Auschwitz, Majdanek, Treblinka, Belzec, Chelmno e Sobibór, e feito parte de esquadrões da morte especiais conhecidos como *Einsatzgruppen*. Dezenas de milhares de soldados tinham cometido atrocidades nas linhas da frente. Inúmeros funcionários públicos tinham participado na vasta maquinaria burocrática do homicídio industrializado. E, contudo, a maioria dessas pessoas tinha-se limitado a regressar discretamente à sociedade alemã e retomado as suas vidas como se nada tivesse acontecido.⁴

Bauer esperava levar a tribunal pelo menos alguns desses homens. Regressava à Alemanha para uma entrevista para o cargo de

procurador-geral da cidade de Braunschweig. Mas mesmo que conseguisse este cargo, enfrentaria uma luta. Braunschweig era uma remota cidade provinciana, e ele teria uma pequena equipa de procuradores. Estava também dolorosamente consciente de que os tribunais estavam repletos de juizes da era nazi que tinham aplicado as leis raciais de Hitler, e que antigos membros das SS dirigiam a polícia. Nos seus momentos mais otimistas, Bauer imaginava desencadear uma vaga de processos que poderia acabar por levar milhares à justiça. Mas também sabia que muitos outros milhões que tinham ajudado e colaborado com o nazismo continuariam em liberdade. A sua ideia — incompleta e aparentemente impossível — era usar o sistema judicial para forçar um ajuste de contas nacional. Se pudesse obrigar os seus conterrâneos a prestar atenção a um número suficiente de processos, então poderia forçá-los a confrontar a sua própria cumplicidade nos crimes dos nazis. Só então o nazismo poderia ser eliminado da cultura alemã, e a sua família e outros sobreviventes poderiam começar a acreditar que o horror não se repetiria.⁵

O seu comboio parou em Flensburg. A cidade escapara ao pior dos bombardeamentos, mas não aos tumultos do pós-guerra. A estação estava cheia de passageiros a carregar malas ou sentados em pilhas de bagagem, mulheres de vestidos remendados em busca de notícias de maridos desaparecidos desde a guerra, crianças fugitivas, revendedores de bilhetes e indigentes a mendigar. O ar húmido cheirava a corpos por lavar e a fumo de cigarro. Metade do país continuava deslocada, com dezenas de milhares de refugiados provenientes do território ocupado pelos soviéticos a chegarem mensalmente ao ocidente. Os comboios transbordavam de gente desesperada, que trepava pelas janelas das carruagens — mesmo três anos depois da guerra, muitas ainda não tinham vidro — ou para os tejadilhos, à procura de mais espaço.⁶

Bauer teria certamente visto imagens das paisagens urbanas em ruínas da Alemanha nos cinejornais, mas ficou abalado ao passar pelos restos ainda carbonizados dos bairros de Altona-Nord e St. Georg, nos arredores de Hamburgo. Tinham-se formado poças cinzentas nas crateras entre os montes de escombros molhados pela

chuva, cobertos aqui e ali por vegetação e ervas daninhas, com pilhas de tijolos meticulosamente limpos e recuperados. Precisaria de encontrar aliados neste deserto — não apenas juízes, procuradores e políticos com ideias semelhantes, mas também alemães comuns que não tivessem sucumbido ao nazismo ou abandonado a sua esperança na promessa progressista dos anos de Weimar.⁷

Os seus pensamentos levaram-no inevitavelmente ao país que deixara mais de uma década antes. Acreditara, em 1933, que poderia unir os trabalhadores para resistirem a Hitler em nome de uma Alemanha mais livre e mais justa. Alimentara esta fé nos seus conterrâneos durante o seu exílio banindo as memórias do que eles lhe haviam feito. Mas, à medida que o comboio o levava firmemente de regresso ao cenário de tanto sofrimento, sabia que, tal como os seus conterrâneos alemães, também ele precisaria de enfrentar o passado.⁸

PARTE I

Casa

Ludwigsburg

Fevereiro de 1933

Fritz Bauer soube que os nazis o estavam a observar a partir do momento em que ele e os seus companheiros de marcha desfraldaram as suas bandeiras e avançaram a passo firme pelas ruas frias e desertas de Ludwigsburg no domingo, 26 de fevereiro de 1933. Uma semana antes, o novo chanceler, Adolf Hitler, convocara eleições para obter maioria para o Partido Nazi no parlamento alemão — o Reichstag. Bauer e o seu pequeno grupo de sessenta veteranos envelhecidos da Primeira Guerra Mundial e operários fabris tinham ido para a rua para mobilizar apoio à ordem democrática do país, que tinham jurado proteger enquanto membros da milícia *Reichsbanner*. Bauer não sabia se Hitler cumpriria as suas ameaças de anular a Constituição para livrar o país de judeus e socialistas. Mas não tinha dúvidas de que, se Hitler vencesse, os nazis perseguiriam os seus inimigos e que ele, juiz judeu e crítico declarado, seria certamente um deles.¹

Com 29 anos, já chamara a atenção depois de ter sido nomeado presidente da *Reichsbanner* no estado de Württemberg e de ter passado pelos auditórios fumarentos, clubes masculinos e cervejarias de Estugarda para mobilizar contra Hitler. «Bauer», observou um informador nazi, «[tem] com autêntica insolência judaica agitado contra o movimento Nacional Socialista em todas as oportunidades. As suas armas [...]: ódio, mentiras e calúnias.»²

Bauer era certamente um orador impressionante. Longe do palco, podia ser tímido e reservado, um homem magro e delicado num fato que parecia demasiado grande, a cabeça invariavelmente enfiada num livro enquanto caminhava pela rua a desviar-se de candeeiros. Na verdade, quando Bauer se ofereceu pela primeira vez para fazer



Fritz Bauer, cerca de 1920
(Cortesia de Marit Tiefenthal)

campanha pelos sociais-democratas, o principal partido progressista da República de Weimar, o líder local, Kurt Schumacher, reparou no doutoramento em Direito, na mandíbula suave e na propensão de Bauer para citar Goethe e afirmou: «Os operários não gostam de intelectuais.» Mas Bauer persistira, e Schumacher, impressionado pelo seu carisma discreto e pela sua evidente sensibilidade ao sofrimento dos outros, concordou em deixá-lo falar em alguns comícios. Ficou surpreendido: perante uma multidão, Bauer tornava-se feroz e apaixonado; a sua transformação em palco era tão surpreendente, recordou um contemporâneo seu, que as suas palavras eram sentidas como um choque elétrico.³

Bauer percebia o desconforto dos seus homens enquanto passavam pelas elegantes montras de lojas decoradas com suásticas de Ludwigsburg. Os nazis já estavam provavelmente a observá-los, a tomar nota de quem estava presente e a mobilizar os Camisas Castanhas locais, a força paramilitar de Hitler, para os confrontar. Bauer incitou os seus homens o melhor que pôde em comícios nos bairros operários de Pflugfelden, Eglosheim, Hoheneck e, por fim, Ossweill, onde entoaram «Viva a Liberdade» e as suas respirações se ergueram como uma nuvem de calor no ar frio da noite. Bauer acreditava que os riscos eram justificados pela defesa da República de Weimar. A Constituição da República, estabelecida no rescaldo da Primeira Guerra Mundial,

concedera o sufrágio universal e os direitos de liberdade de expressão e de reunião. Os operários haviam obtido a proteção da jornada de oito horas e um melhor acesso a cuidados de saúde, enquanto o movimento pelos direitos das pessoas homossexuais do país apelava abertamente à descriminalização da homossexualidade.⁴

No entanto, o lado mais sombrio da república nunca saía da mente de Bauer. Como estudante judeu em Munique no início da década de 1920, fora impedido de se juntar à maior parte das repúblicas universitárias. Vira os seus colegas de curso de direita a acorrer em massa às cervejarias para ouvir os discursos de Hitler e depois saírem para as ruas à procura de socialistas e judeus para espancar. Estas experiências levaram Bauer a descobrir a sua voz política — primeiro instigando estudantes na faculdade a adotar um «modo de vida tolerante», e depois juntando-se ao Partido Social-Democrata quando a sua carreira jurídica começou em Estugarda e o apoio ao Partido Nazi aumentou após a Grande Depressão de 1929.⁵

A noite caiu e os marchantes atravessaram o território nazi de regresso à estação de comboios de Ludwigsburg. Bauer reparou na polícia ao passarem pela praça do mercado. Depois ouviu um grito raivoso e, de repente, um grupo de Camisas Castanhas, de faces ruborizadas e cabelos com brilhantina, caiu sobre eles. Bauer foi apanhado num aperto de corpos que se debatiam enquanto os nazis agrediam a *Reichsbanner* colina abaixo até à estação, quando a polícia finalmente apitou para intervir.⁶

Na manhã seguinte, segunda-feira, de regresso a Estugarda, Bauer fez a barba, penteou o cabelo e preparou-se para ir a tribunal. Tinha sorte por o confronto não lhe ter deixado marcas, mas isso parecia uma preocupação menor enquanto ponderava o que aconteceria se os nazis vencessem as eleições. Estaria ele preparado para continuar a lutar ou mesmo para ser preso em nome das suas convicções? Os seus pensamentos voltaram-se, desconfortavelmente, para as razões pelas quais os nazis viriam atrás dele. O ativismo político não era um crime — pelo menos ainda não. A sua vida amorosa era outra questão. Não acreditava que soubessem que era homossexual — segredo que apenas partilhara com poucos amigos —, embora não pudesse ter a certeza;

Vencedor do prémio NATIONAL JEWISH BOOK,
na categoria de biografia

A verdadeira história do procurador-geral judeu disposto a sacrificar tudo para obter justiça na Alemanha do pós-guerra

Em 1946, nos julgamentos de Nuremberga, alguns dos maiores criminosos de guerra da História foram condenados à morte, mas muitos ex-nazis ficaram em liberdade. Na Alemanha e entre os Aliados, o desejo de deixar o passado para trás prevalecia, e o Holocausto corria o risco de ser esquecido.

Com base em documentos familiares inéditos, registos recentemente desclassificados e entrevistas exclusivas, Jack Fairweather dá vida nestas páginas à história de Fritz Bauer, um magistrado e jurista judeu e homossexual que, ao regressar à Alemanha depois de um exílio forçado na Suécia, trabalhou incansavelmente para obrigar os seus compatriotas a reconhecerem a responsabilidade e ampla cumplicidade nos horrores nazis. O que emerge é um retrato de uma Alemanha sombria, perturbadora, homofóbica e racista, mesmo no período pós-1945, onde criminosos de guerra ocupavam cargos importantes em ministérios e a CIA financiava a antiga rede de espionagem de Hitler.

Muitos tentaram deter Fritz Bauer, mas ele recusou-se a ser intimidado. E, graças à sua luta pela verdade, centenas de nazis foram levados à justiça.

«Escrito de forma primorosa e extremamente evocativa, este livro é uma poderosa homenagem ao advogado judeu cuja tenacidade forçou uma nação a confrontar-se com os seus crimes.»

Katja Hoyer, autora de Para Lá do Muro



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-203-7



9 789895 892037